

Depoimento e vida¹

Murilo Rubião

Considero ainda perfeitamente válido o depoimento meu que está na segunda edição de *O pirotécnico Zacarias*.² O da primeira é puro surrealismo do meu entrevistador.³ Vou ampliar um pouco o que disse em 1974 e evitar o tom sentencioso de certas passagens.

No mais, nasci em Silvestre Ferraz, que antes fora Nossa Senhora do Carmo do Rio Verde e hoje se chama Carmo de Minas. Lá vivi entre livros, com avô, pai, tio e primos escrevendo. (O bisavô Noronha já começara a pintar a igreja local). O melhor de todos eles, Godofredo Rangel, me ensinaria, mais tarde, alguns truques literários, enquanto meu pai me obrigava a ler os clássicos. Meus estudos, a partir do segundo ano de grupo, foram feitos em Belo Horizonte, onde se deu a minha formação intelectual. Em 1942 formei-me em Direito. Segui carreira burocrática no serviço público de Minas, com um intervalo de quatro anos na área federal, servindo o Brasil na Espanha. Aposentei-me como Diretor de Publicações da Imprensa Oficial, onde o melhor que fiz foi fundar o *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

Devo acrescentar que não me casei, não tive filhos, não plantei árvores. Apenas alguns arbustos.⁴

Minha opção pelo fantástico foi herança da infância, das intermináveis leituras de contos de fadas, do Don Quixote, da História Sagrada e das Mil e uma Noites. Ainda:

¹ Este texto é um datiloscrito de cinco páginas sem título ou data, localizado no Acervo Murilo Rubião. Após pesquisas, foi possível identificar que se tratava de um texto lido na Semana do escritor brasileiro, ocorrida no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, em 28/03/1979. Com o subtítulo “Depoimento e Vida”, o evento contou com a participação de diversos escritores, como Cyro dos Anjos, Menotti Del Picchia, Rubem Braga, Autran Dourado, Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Gilberto Freyre, Mario Quintana e Fernando Sabino, entre outros. O áudio do depoimento e a conversa com os presentes, com duração total de 50 minutos e nove segundos, encontra-se disponível no site da Biblioteca Mário de Andrade. A transcrição foi feita a partir do cotejo entre o texto e o registro de áudio, uma vez que, durante sua fala, Murilo insere informações sobre alguns episódios que se encontram apenas indicadas no datiloscrito. Nessas ocasiões o leitor encontrará notas indicativas das inserções. Fonte: Cleber Araújo Cabral (organização, prefácio e notas). *Mares interiores: correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ed. UFMG, 2016, p. 206-214.

² Publicada em 1975.

³ Trata-se do texto “O fantástico Murilo Rubião”, elaborado pelo jornalista José Adolfo de Granville Ponce (1933-2015), publicado como prefácio à primeira edição de *O pirotécnico Zacarias* (São Paulo, Ática, 1974).

⁴ Referência ao fim do último capítulo (Das negativas) de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que termina os seguintes dizeres: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

porque sou um sujeito crédulo e nunca me espanto com o sobrenatural, com os instantes mágicos. E isso tudo aliado a uma invencível sedução pela atmosfera onírica das coisas.

A mesma credulidade com que ouvia as infundáveis histórias de Maria do Chico, uma preta velha, me acompanha até hoje e está presente em toda a minha literatura. Segundo Davi Arrigucci Júnior, no prefácio de *O pirotécnico*, “o que primeiro pode espantar o leitor de Murilo é que suas personagens principais, a exemplo do ex-mágico, não se espantam nunca, apesar do caráter insólito dos acontecimentos que vivem e presenciaram. A consideração natural de fatos sobrenaturais, essa espécie de paralisação da surpresa, certamente encontrará um eco oposto em quem lê desprevenido: o susto e, logo, a desconfiança de ser objeto de burla, vítima de ilusionismo do mágico”.⁵

O mistério sempre foi uma constante na minha vida e na dos meus antepassados. A começar pelo meu avô paterno, homem de uma vasta cultura humanística que, dizem, abandonou apreciáveis haveres, onde incluíam fazendas e escravos em Mangaratiba, para montar uma farmácia em Silvestre Ferraz. Tinha quarenta e cinco anos e jamais mencionou a alguém os motivos de ter escolhido para morar uma pequena cidade, inteiramente desconhecida para ele até o dia em que abandonou suas coisas em no estado do Rio de Janeiro. Lá se casou com uma senhora, muito religiosa, já na casa dos trinta anos, que aceitou uma estranha exigência absurda do futuro marido: o casamento seria celebrado na entrada da igreja – a mulher ficaria de dentro e ele de fora. E é verdade. Tudo isso por ser ele um ateu convicto...

Curiosa também é a história de um meu ancestral marinheiro, personagem de um dos primeiros contos que escrevi – “Ofélia, meu cachimbo e o mar”. Era ele capitão de navio negreiro. Estatura gigantesca, ombros largos, que desde rapaz navegava em veleiros que iam à cata de negros para as lavouras do país. Fisionomia dura, barba negra, a boca sem os dentes da frente, compunham a sua figura bastante temida pelos marujos e escravos.

Para provar a força e a coragem dele, contavam que, certa vez, quando uma tremenda tempestade ameaçava afundar o seu barco e de terem vários marinheiros caído no mar, tentando baixar as velas, ele subiu sozinho, mastro acima, e as arreou. A façanha lhe custou boa parte da dentadura, pois teve que se agarrar, com as mãos e os dentes, a panos e cordas, para evitar uma desastrosa queda.

⁵ Para mais informações, ver o texto “O mágico desencantado ou as metamorfoses de Murilo”, de Davi Arrigucci Júnior, veiculado publicado como prefácio à segunda edição de *O pirotécnico Zacarias* (1975).

Com a abolição da escravatura, José Henrique Rubião retirou-se para uma fazenda, onde passava os dias estirado numa rede. Em alguns momentos, no embalo da nostalgia, decidia-se retornar ao comando de uma nave qualquer. Agitado, compulsava mapas, ou pegava de uma velha roda de leme e ia para o alto de um morro para simular ordens de comando.

Depois, os altos cumes da Mantiqueira, escondendo-lhe o oceano, a certeza que jamais poderia comandar navios negreiros, faziam com que ele retornasse à rede. Tio Luiz,⁶ irmão de meu pai, foi o primeiro contista da família.⁷ Mas também não deixou de ser um tanto pitoresco, um tanto estranho. Ele levou a vida inteira pescando. Ele trabalhava somente na época da desova, evidentemente porque como ele pescava somente no mesmo lugar, no Rio Verde, para não acabar com os peixes. Na época da desova, ele, como era topógrafo, media divisa de fazendas e depois voltava à pescaria, o tio-avô marinheiro voltava à rede.⁸

Fernando Sabino descobriu a minha vocação pelo fantástico.⁹ Antes, os meus trabalhos giravam em torno da loucura, hospícios. Estávamos em 1940, eu com 24 anos e Sabino com 17 e já com um livro no prelo – *Os grilos não cantam mais*.¹⁰ Não se pode falar isso com ele não porque ele briga.

⁶ Trata-se do escritor e jornalista Luiz José Álvares Rubião, pai da artista plástica Aurélia Rubião (1901-1987) e irmão de Eugênio Álvares Rubião (pai de Murilo). Luiz Álvares Rubião publicou os volumes *A pesca no Estado de Minas Gerais* (1912), *Album da Varginha* (1918) e *O leão do mar* (1947). No arquivo de Murilo constam duas cartas de Álvares Rubião, datadas de 11/12/1947 e 16/05/1948. A primeira é endereçada a Murilo, contendo considerações sobre o livro *O ex-mágico* (1947). Já na segunda, endereçada a Eugênio Rubião, Álvares pede ao irmão que o auxilie a encontrar “uma solução prática”, pois Álvares e Murilo concorreram como finalistas ao prêmio literário Othon Lynch B. de Mello, ofertado pela Academia Mineira de Letras – Álvares com o livro *O leão do mar* e Murilo com *O ex-mágico*. A solução consistia na “divisão do prêmio”. Entretanto, isso não aconteceu, sendo o prêmio entregue a Murilo.

⁷ No datiloscrito consta, neste trecho, a anotação “(Tio Luiz, o primeiro contista da família)”, provavelmente a fim de sinalizar, para ele mesmo, o momento em que introduziria, durante sua fala, o “caso” que relata em seguida.

⁸ É possível perceber, nesse trecho, além de uma confusão entre a figura do tio e a do personagem José Henrique Rubião, uma contaminação entre biografia e ficção na construção da história dos personagens familiares de Murilo. No plano da ficção rubiana, tal fato pode ser observado nos contos “O ex-mágico”, “Ofélia, meu cachimbo e o mar” (em que o personagem é um bisavô de nome José Henrique Ruivães) e “Memórias do contabilista Pedro Inácio”, no qual o protagonista, a fim de conhecer “o motivo de minha irresistível atração pelo amor e pela contabilidade”, dedica-se a desenvolver estudos genealógicos para conhecer a história de seus ancestrais.

⁹ Em 02/11/1941 Murilo publica, na *Folha de Minas*, a crônica “Fernando Tavares Sabino”. Além de traçar um perfil do amigo e discorrer acerca das condições em que se conheceram e se tornaram amigos, Murilo faz uma apreciação do primeiro livro de Sabino, *Os grilos não cantam mais*.

¹⁰ No acervo de Murilo, o exemplar de *Os grilos não cantam mais* (Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, Editores, 1941) exhibe a seguinte dedicatória do autor a Rubião: “Ao Murilo ‘Grão Mongol’ / o/ Fernando/ ‘benjamin’”. Esta dedicatória traz à tona uma personagem que aparecerá em uma série das primeiras narrativas de Murilo, publicadas na imprensa de Belo Horizonte – o “Grão Mogol”, um cidadão

Éramos colegas de jornal – *A Folha de Minas*¹¹ – onde eu dava um plantão solitário, a partir das dez horas da noite. O serviço era pouco, pois àquela hora, os redatores estavam nas oficinas do jornal, distante da redação, cuidando do noticiário internacional, muito importante naqueles dias da II Guerra Mundial. Se não havia crimes, suicídios, ficava eu a matutar histórias. Uma delas – “Eunice e as flores amarelas”,¹² nitidamente machadiano – contei ao Fernando como sendo um sonho, porque a história era tão fantástica que eu não tive coragem de falar que eu tinha imaginado, era um sonho. Ele ouviu com paciência o relato e me disse: “Isso dá um conto, mas não é preciso mencionar que ele nasceu de um sonho”. Aí começou a minha trágica carreira no fantástico.

Os meus contos devem muito a Cervantes, Gogol, Hoffmann, von Chamisso, Máximo Bontempelli, Pirandello, Nerval, Poe, Henry James. Mas o autor que realmente me influenciou foi Machado de Assis, talvez meu único mestre. Li e reli exaustivamente as suas obras.

Álvaro Lins viu na minha ficção certa semelhança com a obra de Kafka.¹³ Entretanto só vim a saber da existência do escritor tcheco em 1943, através de uma carta de Mário de Andrade¹⁴ e quando eu já havia escrito a maior parte dos contos d’*O ex-*

excêntrico, dotado de poderes mágicos e uma fortuna em diamantes, sobre quem não se sabia ao certo se tinha 90 anos e 40 mulheres ou 40 anos e noventa mulheres.

¹¹ Conforme cronologia elaborada por Murilo, ele ingressa n’*A Folha de Minas* como redator em 1938, “função que exercerá por mais de dez anos” (Arquivo Murilo Rubião).

¹² Este conto não foi republicado em livro por Murilo Rubião, tendo sido veiculado apenas em periódicos. No Arquivo de Murilo Rubião constam recortes que atestam a circulação do conto nas seguintes publicações: *Roteiro*. São Paulo, 15 jul. 1943; *Anuário Brasileiro de Literatura*, de 1940, editado em outubro de 1941; revista *Belo Horizonte*, em maio de 1941.

¹³ O crítico literário Álvaro Lins (1912-1970) apontou semelhanças entre as obras de Rubião e de Kafka no artigo “Os novos”, publicado em 02/04/1948 no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Posteriormente este texto foi publicado no livro *Os mortos de sobrecasaca* (1963) com o título “O ‘mágico’ lançado ainda mais para a zona de Kafka: os contos de Murilo Rubião”. Na biblioteca de Murilo consta um exemplar do livro.

¹⁴ Murilo se refere à carta enviada por Mário de Andrade em 16 de junho de 1943. Nesta, o autor de *Macunaíma* remete um conjunto de notas de leitura sobre alguns contos enviados por Murilo. No primeiro dos dois conjuntos de anotações, o escritor paulista assim descreve as características da ficção rubiana: “Um humorismo áspero, revoltado; um sarcasmo maltratante que provoca a invenção do caso — invenção que é rara e curiosamente impositiva. Dominadora. É estranho mesmo como, passado o primeiro momento fatal em que a gente verifica que está lendo um caso impossível de suceder e às vezes se preocupa uns dois minutos com um possível símbolo, uma alegoria escondida no reconto (e é perigo a evitar cuidadosamente no seu caso): o mais estranho é o seu dom forte de impor o caso irreal. O mesmo dom de real, sem nenhuma reação mais. Serão talvez essas as qualidades e caracteres dominantes e mais notáveis nestes apenas três contos: o humorismo asperamente amargo e a força estranha de apassivar dominadoramente o leitor, impondo o irreal como se fosse real”. Para mais informações sobre a recepção de Murilo sobre as impressões de leitura de Mário, bem como a réplica de Mário, consultar as cartas de

mágico. Acredito que Kafka, como eu, tenha sido influenciado pelo Velho Testamento e pela mitologia grega. O que é *A metamorfose*¹⁵ e meu “Teleco”¹⁶ senão a reinvenção do mito de Proteu, pastor do rebanho marinho de Netuno, que por detestar predizer o futuro, dom que lhe fora concedido, transformava-se em animais para não o fazer?¹⁷

Escrevi dois livros que não foram publicados por falta de editor: *Elvira e outros mistérios* e *O dono do arco-íris*. Eles, juntamente com *O ex-mágico* foram recusados pelas editoras Guaíra, Vitória, O Cruzeiro, Globo, José Olympio e outros de que não me recordo mais.¹⁸ ¹⁹Em 1947, depois de publicado *O ex-mágico* (o livro não foi vendido, mas teve uma boa acolhida da crítica), eu me encontrei com José Olympio num casamento de uma filha de um tio afim, e esse tio afim era vice-diretor de um dos maiores bancos de Minas que financiava a livraria José Olympio. Então ele me perguntou: “mas porque que você entregou para a editora Universal, uma editora pequenininha, e não entregou à editora José Olympio”. Então eu falei: “olha, por incrível que pareça, esse livro foi entregue a você pelo escritor Aníbal Machado e com recomendação do Carlos Drummond de Andrade”. Ele sumiu rapidamente, que ele nunca tinha lido o livro e nem sabia que o livro tinha estado na editora.

O ex-mágico saiu em 1947, um ano depois de *Sagarana*, ambos editados pela Editora Universal e por interferência de Marques Rebelo, que também publicou o meu primeiro conto em antologia: *Pequeña antologia de cuentos brasileños* – Editorial Nova, Buenos Aires, 7 de janeiro de 1946.²⁰ Até hoje eu guardo muito bem essa antologia porque já disseram que eu tenho influências de Cortázar, de Borges e, no entanto, em 1946, Borges ainda não tinha publicado os contos do realismo mágico e fantástico dele, e o Cortázar foi em 1951. Bom, isso não tem a menor importância, mas o livro é um documento de uma influência que realmente eu não tive. O *Sagarana*, do Guimarães Rosa, nos uniu muito porque também o Guimarães Rosa teve o livro

23 de julho de 1943 e de 27 de dezembro de 1943, presentes no volume *Correspondência Mário de Andrade & Murilo Rubião* (Edusp, 2016), organizado por mim e Marcos Antonio de Moraes.

¹⁵ Novela de autoria de Franz Kafka (1883-1924), publicada pela primeira vez em 1915.

¹⁶ O conto “Teleco, o coelhinho”, editado pela primeira vez no volume *Os dragões e outros contos* (1965).

¹⁷ No datiloscrito consta, neste trecho, a anotação manuscrita “(copiar trecho da carta do Mário)”.

¹⁸ No Arquivo Murilo Rubião, na série correspondência, há uma pasta intitulada “O ex-mágico – correspondência”, que permite traçar a história, as transformações e os percursos dos três livros pelas editoras mencionadas até que, finalmente, fosse publicado *O ex-mágico*.

¹⁹ No datiloscrito consta, neste trecho, a anotação “(episódio com José Olympio)”, provavelmente a fim de sinalizar, para ele mesmo, o momento em que introduziria, durante sua fala, o “caso” que relata em seguida.

²⁰ No datiloscrito consta, neste trecho, a anotação “(O meu único encontro com Guimarães Rosa e a minha gratidão por Marques Rebelo)”.

recusado por várias editoras, além de ter perdido um célebre concurso da livraria José Olympio. Mas infelizmente eu nunca me encontrei com o Guimarães, a não ser uma certa vez que houve um desencontro, dessas coisas mais chatas possíveis. Eu ia trabalhar na Espanha e o Nogueira, vice-presidente da []bras, embaixador Nogueira, perguntou se eu não queria uma documentação sobre a Espanha, que o Itamaraty tinha uma excelente. Então eu fui lá. Isso no Rio de Janeiro. O Itamaraty tinha um elevador, pequeno. Aí eu fui apresentado a um senhor, de gravata borboleta, que segurou a minha e falou assim “Murilo Rubião, como eu gosto dos seus contos, como eu gosto do ex-mágico”, e eu muito incomodado, porque ele não largava a minha mão. Aí ele saiu pelo corredor, nós entramos a esquerda, aí eu perguntei para o rapaz que estava comigo, o João Pinheiro Netto “quem é esse cara de gravata borboleta?”. Ele respondeu “é o Guimarães Rosa”. Eu falei “nossa senhora”, eu não falei em *Sagarana*, livro que gostei imensamente, e além de tudo fomos colegas de um grande infortúnio, essa luta por encontrar uma editora. E infelizmente nunca mais estive com Guimarães.

Reelaboro a minha linguagem até a exaustão, numa busca desesperada da clareza. Devo essa preocupação a outro mestre: Flaubert. Também li recentemente que Vargas Llosa, numa entrevista que deu a uma revista americana, confessa sua tortura em reelaborar a sua escrita.

Nunca me preocupei em dar um final aos meus contos. Usando a ambiguidade como meio ficcional, procuro fragmentar minhas histórias ao máximo, para dar ao leitor a certeza de que elas prosseguirão indefinidamente, numa indestrutível repetição cíclica.

Em 1975 *O pirotécnico Zacarias* foi incluído pelo vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais. E começaram a aparecer os primeiros estudos universitários sobre o meu livro. Confesso que fiquei perplexo com alguns deles. A linguagem era muito hermética para mim e fui obrigado a me debruçar sobre a Linguística, estudar o Estruturalismo, a Antropologia, a Psicanálise. Enfim, tudo o que se relacionasse com o arsenal que usavam para dissecar os meus contos. Contando a um amigo, o escritor Fritz Teixeira de Salles, as minhas últimas descobertas científicas, ele – muito sério – me disse:

- Não sei se um ficcionista precisa disso.

Expliquei-lhe que tentava apenas decifrar os meus textos através da crítica moderna. Mas, a frase ficou comigo e não demorou muito e cheguei à dura conclusão de que não cabe ao escritor explicar a sua própria obra.

Devo-lhes uma última confissão: sempre aceitei a literatura como uma maldição. Poucos momentos de real satisfação ela me deu. Somente quando estou criando uma história sinto prazer. Depois é essa tremenda luta com a palavra, é revirar o texto, elaborar e reelaborar, ir para frente, voltar. Rasgar.